

SOB AS SOMBRAS DA
INQUISIÇÃO

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

JORGE SINCORA DOS SANTOS

SOB AS SOMBRAS DA
INQUISIÇÃO

CAPIVARI-SP
- 2017 -

© 2017 Jorge Sincorá dos Santos

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com a Prefeitura Municipal e outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - julho/2017 - 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Benatti

REVISÃO | Rubens Toledo

Ficha catalográfica

Santos, Jorge Sincorá dos, 1939

Sob as sombras da Inquisição / Jorge Sincorá dos Santos -

1ª ed. jul. 2017 - Capivari-SP: Editora EME.

208 p.

ISBN 978-85-9544-009-8

1. Espiritismo. 2. Romance espírita.

3. Inquisição. Santo Ofício. 4. Lei de ação e reação. I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO

Sob as sombras da Inquisição.....	9
Introdução.....	11
Subsídios históricos.....	15
O compromisso.....	27
Chegada e partida.....	33
Gêmeos.....	41
Provas da vida.....	47
Emboscada.....	51
Reunião nas trevas.....	63
Noivado.....	69
A Noite de São Bartolomeu.....	81
Missão para Michel.....	91
Casamento.....	105
O outro lado da cidade.....	115
Pierre Verdun.....	123
A mediunidade de Violeta.....	135
Extorsão moral.....	141
Socorro aos perseguidos.....	147

O duelo	155
Conversão de Hassan	163
Rede da Esperança	169
Confronto	173
Acusação.....	183
Redenção	191
Epílogo.....	201

*Dedico este livro a meus pais Lucilla e Gabriel
que já retornaram à pátria espiritual,
a minha mulher Zezinha, a meus filhos Daniel Luiz,
Jorge Alexandre e Lúcia Maria, a minhas netas queridas
Catarina e Clara, e a Leonardo, meu neto do coração.*

SOB AS SOMBRAS DA INQUISIÇÃO

Jesus, que vê no vaso imundo de meu espírito, penetrou uma gota de seu amor desvelado e compassivo. O homem perverso, que chegava na Terra, encontrou o raio de luz destinado à purificação de seu santuário.

Ele ampara os meus pensamentos com a sua bondade sem limites. A ganga terrena ainda abafa, em meu coração, o ouro que me deu da sua misericórdia; mas, como Bartolomeu, já posuo o bom ânimo para enfrentar os inimigos de minha paz, que se abrigam em mim mesmo.

Tenho a alegria do Evangelho, porque reconheço que o seu amor não me desampara. Confiado nessa proteção amiga e generosa, meu Espírito trabalha e descansa.

Humberto de Campos¹

1 Do livro *Boa-nova*, psicografado por Francisco Cândido Xavier

INTRODUÇÃO

CAIO JÚLIO CÉSAR Otávio² era o Imperador de Roma quando em Betlehem³ nasceu Jesus. Aquela época ficou conhecida como o século da Boa-Nova.

O advento do filho de Deus ocorreu numa ocasião em que os hebreus viviam sob a lei de Moisés, cujo rigor era compatível com o estado rudimentar daquele povo.

Jesus desceu à Terra com a missão de implantar a lei do amor a fim de abrandar o coração daquelas criaturas.

“Eu não vim destruir a lei ou os profetas; eu não vim destruí-los, mas lhes dar cumprimento (Mateus, 5:17-18). A respeito dessa expressão do Cristo, *O Evangelho segundo o Espiritismo* (Capítulo 1) esclarece que “Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; ele veio cumpri-la, quer dizer, desenvolvê-la, dar-lhe seu verdadeiro sentido, apropriando-a ao grau de adiantamento dos homens;

2 Caius Julius Caesar Octavianus Augustus

3 Belém

por isso se encontra nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constituem a base de sua doutrina.”

O tempo passou e, mais de 2 mil anos depois, a humanidade ainda não assimilou completamente os ensinamentos ministrados por Jesus, tanto que a Terra continua sendo um planeta de provas e expiações. Não obstante, está submetida a processo de mudança, que é a sua transição para um estágio acima, o dos mundos regenerados.

Melhoramos? Pouco. Temos ainda um longo percurso. Em pleno século 21 a humanidade continua em conflito. A discórdia e a falta de amor ainda são predominantes.

A história que vamos narrar tem como cenário França e Espanha, países que viveram períodos tenebrosos, por força dos acontecimentos que marcaram com sangue aqueles povos.

Sabemos que o mal é a ausência do bem e, apesar dos contínuos esforços que o Pai vem desenvolvendo para manter seu rebanho unido, muitas são as ovelhas desgarradas, que ainda se comprazem em praticar o mal. Lamentavelmente as sombras permanecem renitentes e aproveitam-se principalmente do orgulho, da vaidade e do egoísmo que alimentam milhões de corações humanos para arregimentar espíritos para suas hostes.

Em que pese o quadro de incertezas e de sofrimento, esta é uma situação transitória, pois, para cada um, é sempre chegado o momento de despertar para a luz.

Este romance que intitulamos *Sob as sombras da Inquisição*, conta a história de espíritos que vivenciaram aqueles brutais acontecimentos, cada um com seus comprometimentos.

Preliminarmente, julgamos oportuno compilar informações históricas a respeito das Guerras Religiosas na França e da Inquisição da Igreja Católica, para os leitores adentrarem aquecidos no clima deste romance.

Que a paz do Senhor esteja com todos nós.

O autor

SUBSÍDIOS HISTÓRICOS

AS GUERRAS RELIGIOSAS NA FRANÇA

NO SÉCULO XX foram deflagradas duas guerras mundiais que ceifaram milhões de vidas. A Espiritualidade Maior, sob o comando de Jesus, governador deste planeta, muito trabalhou para amenizar dores e sofrimentos nesse período conturbado da História. Esses conflitos, entretanto, estão acompanhados de guerras civis e confrontos localizados, de modo que, ao longo de toda a nossa história, os anos de paz não somariam mais que 300 anos! E quando se busca a causa de tantos conflitos, identificamos que a maioria deles teve, como raiz ou pretexto, a religião.

A história que vimos de narrar remete a um período em que os valores morais e respeito à vida humana eram desprezados. Tortura e homicídios eram praticados sistematicamente. Referimo-nos mais precisamente às guerras entre católicos e protestantes na

França e à Inquisição, na Idade Média, com seus nefandos efeitos.

As guerras religiosas na França tiveram início em 1562 e só terminaram em 1599 com a promulgação do Édito de Nantes pelo rei Henrique IV, que teve por objetivo retomar a paz em todo o país. Todavia, a tão almejada paz não foi duradoura.

O Édito de Nantes foi revogado por Luís XIV em 18 de outubro de 1685, com a alegação de que os protestantes, em sua grande maioria, haviam se convertido ao catolicismo. Os protestantes franceses foram proibidos de deixar o país. O Édito, segundo registros da História, outorgou muitos poderes ao protestantismo francês, o que contrariava a política de centralização praticada pelos cardeais Mazarin e Richelieu e pelo rei Luís XIV.

Assim é que as lutas entre católicos e protestantes continuaram durante os séculos XVII e XVIII. E somente em 1787, quando reinava Luís XVI, adveio o Édito de Tolerância, pondo fim às guerras religiosas na França.

Um dos episódios mais dolorosos desses confrontos ficou conhecido como “A Noite de São Bartolomeu”, quando, “em nome de Deus”, foram praticados atos de barbárie inomináveis, com o morticínio de milhares de protestantes huguenotes. Essas mortes ensejaram a aplicação da lei do carma (ou do retorno ou lei de causa e efeito ou lei de ação e reação), que alcançou todos os espíritos que participaram da chacina. Foram séculos de provações e, quem sabe, muitos ainda hoje continuam sob o guante dessa inexorável lei divina.

Catarina de Médici⁴ protagonizou alguns dos capítulos dessa página triste da História. Nascida em Florença, Itália, Catarina foi mentora do ataque que culminou com o massacre dos protestantes naquela noite de terror. Segundo alguns historiadores, ela teria induzido seu filho, o rei Carlos IX, a ordenar o ataque aos huguenotes, que eram os franceses seguidores do calvinismo.

Os assassinatos começaram na madrugada de 24 de agosto de 1572, em Paris, no Dia de São Bartolomeu, estendendo-se depois por várias cidades francesas, ao longo de vários meses. Conta-se que, oito dias após a Noite de São Bartolomeu, foram ouvidos ruídos de vozes, lamentos, gemidos e gritos de dor e de raiva. O rei Carlos IX teria despertado durante a noite, com o som estridente que se propagou, envolvido por intenso pavor.⁵

No livro *A caminho da luz*⁶, o benfeitor Emmanuel assinala: “Os mensageiros do Cristo deploram tão dolorosos acontecimentos, trabalhando por despertar a consciência geral, arrancando-a daquela alucinação de morticínio e sangue, mas precisamos considerar que cada homem, como cada coletividade, pode cumprir seus deveres ou

4 Nascida em 13 de abril de 1519, Catarina de Médici casou-se com Henrique, duque de Orleans, em 28 de outubro de 1533, vindo a tornar-se rainha consorte quando Henrique foi coroado rei da França, adotando o nome Henrique II. Pariu três filhos, a saber: Francisco, Carlos e Henrique, que viriam a ser os reis Francisco II, Carlos IX e Henrique III. Desencarnou em 1569.

5 Allan Kardec publicou na *Revista Espírita* de setembro de 1858 o artigo “Os gritos da noite de São Bartolomeu”. Veja também *Revista Espírita Cristã do Milênio – O Mensageiro*.

6 Psicografia de Francisco Cândido Xavier, 37ª edição, página 216.

agravar suas responsabilidades próprias, na esfera de suas liberdades relativas.”

Da mesma forma que todos os espíritos envolvidos nas atrocidades daqueles anos sombrios da história da França, Catarina de Médici sofreu os efeitos da irrevogável lei de causa e efeito e amargou, durante séculos, os padecimentos próprios dos resgates aos quais ficou submetida até 16 de abril de 1899, quando reencarnou no Brasil, batizada com o nome Maria Modesto Cravo, encarnação durante a qual dedicou-se ao espiritismo.

Na Terra do Cruzeiro, ajudou a fundar, em 31 de dezembro de 1933, o Sanatório Espírita de Uberaba, em Minas Gerais, do qual foi também diretora, tendo convidado, para assumir a direção clínica, o jovem médico doutor Inácio Ferreira. À noite, ali eram realizadas sessões mediúnicas, nas quais muitos espíritos foram acolhidos e esclarecidos, conforme relata a própria Maria Modesto, espírito, no livro *Os dragões*, psicografado pelo médium Wanderley de Oliveira, Numa dessas sessões, é informado que um dos pacientes ali internado, de nome Matias, era a reencarnação do rei Carlos IX.

Cabe aqui discorrer um pouco sobre a Reforma Religiosa do século XV, que teve sua base no protestantismo, de Martinho Lutero.⁷ O movimento, que defendia o princípio da *salvação pela fé*, confrontava os dogmas do catolicismo. Ademais, esse era um tema da alçada exclusiva do alto clero, aí incluído o *papado*. As ideias preconizadas por Lutero espalharam-se como um vírus, ensejando a

7 Martin Luther nasceu na Alemanha em 10 de novembro de 1483. Desencarnou em 18 de fevereiro de 1546.

criação das primeiras igrejas luteranas a partir do século XVI.

Entre as práticas católicas criticadas por Lutero estavam a *simonia*, a *venda de indulgência* e o *monopólio de leitura da Bíblia*. A primeira consistia no comércio de relíquias sagradas, de autenticidade duvidosa, que os católicos compravam com a presunção de que eram objetos que haviam sido usados por Jesus, bem como por santos da Igreja Católica.

A chamada santa indulgência, isto é, a venda da absolvição dos pecados, era recusada pelos protestantes, para quem a salvação não podia acontecer simplesmente por força da fé, mas sim pela realização das boas obras. Os dirigentes católicos entendiam que o perdão dos pecados e a salvação eterna só se concretizavam através do pagamento de somas em dinheiro, que seriam empregadas para custear as obras da Igreja.

Quanto à terceira prática, os reformistas protestantes não admitiam que a Bíblia continuasse sendo impressa exclusivamente em latim, cabendo apenas aos sacerdotes a interpretação dos textos sagrados e depois transmitidos aos fiéis. Obviamente, a medida impedia que os textos fossem interpretados livremente.

Lutero observara essas práticas enquanto membro da Igreja, acendendo dentro de si o desejo de disciplinar as relações entre a Igreja e seus seguidores. Dessas observações, surgiram as 95 teses luteranas, que contrariavam as práticas do clero. Nesse documento, Lutero manifestava a convicção de que a fé cristã era o único caminho para a salvação eterna. E que a Bíblia era a única fonte para a fé.

A doutrina luterana alastrou-se pela Europa, qual rastilho de pólvora, o que custou a Lutero a sua excomunhão da Igreja, em 1520. As ideias, porém, já haviam influenciado muitos pensadores, entre estes o humanista e filósofo João Calvino, suíço nascido em 10 de julho de 1509, que fundou as igrejas reformadas ou presbiterianas na Suíça e na França. Reformador importante na época foi também Ulrico Zuwinglio.

Com efeito, Calvino adotou os princípios motivadores da reforma protestante lavrados por Lutero. Efetivamente a Bíblia foi considerada a única fonte da doutrina protestante e deveria ser interpretada em consonância com a evolução histórica e as regras linguísticas extraindo-se as conclusões no âmbito de seu contexto histórico, partindo-se do princípio de que o mundo não é estático. A salvação é considerada um “dom gratuito”, uma graça de Deus, podendo ser alcançada pelo exercício da fé. As boas obras por si mesmas não salvam. Assim pregava Calvino, na esteira de Lutero.

Uma boa parte do que constitui a doutrina que embasa o catolicismo foi objeto de reforma pelo protestantismo, como a figura do purgatório, as orações em prol dos mortos, a assunção de Maria e sua virgindade perpétua, a veneração dos santos, a supremacia do papa etc.

O protestantismo consolidou-se, na sua expansão pela Europa e América, assumindo basicamente três formas: a igreja luterana (baseada nos princípios de Martinho Lutero), a igreja calvinista, também chamada de reformada (João Calvino), e a igreja anglicana, instituída pelo rei da Inglaterra, Henrique VIII, que rompeu com o catolicismo.

A INQUISIÇÃO

Organização criada pela Igreja Católica Romana com a finalidade de aniquilar todas as pessoas que praticavam heresias, isto é, que seguiam doutrinas com fundamentos que não se alinhavam com as orientações religiosas dela emanadas, a Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício, considerava hereges aqueles que esposassem posições contrárias. Era, portanto, um tribunal eclesiástico constituído para combater heresias, tendo como alvos principais os judeus e muçulmanos convertidos ao catolicismo; os cristãos-novos, bem como quaisquer pessoas cuja postura se desviasse dos postulados da Igreja, das suas práticas, mormente no tocante a seus dogmas. Nesse rol estavam incluídos os protestantes, os blasfemos, as prostitutas, os homossexuais, os acusados de sodomia, bigamia, feitiçaria e outros.

Deram os inquisidores especial atenção aos judeus, acusando-os de continuar secretamente fiéis ao judaísmo, e também aos seguidores de Maomé, outro alvo sob a mira do Santo Ofício. Na verdade, a sanha desses religiosos fanáticos nunca teve limites. Seus fundadores organizaram inúmeros tribunais, os quais tinham por competência apurar os fatos ditos heréticos mediante a abertura de inquéritos, instruir os processos e proferir suas sentenças. Tinha jurisdição sobre todos os territórios onde a Igreja estendia os seus domínios, o que abrangia larga faixa do continente europeu, com repercussões também na América, na Ásia e África.

Os primeiros tribunais eclesiásticos foram criados nos séculos XIII e XIV; entretanto, tomou envergadura

nos séculos XVI, XVII e XVIII, particularmente na Espanha e em Portugal. A respeito desses crimes hediondos, que mancharam a história da Igreja Católica, o pesquisador e historiador inglês Toby Green, no livro *Inquisição – o reinado do medo*⁸, assim se manifestou:

É preciso começar reconhecendo a amplitude do tema. De 1478 a meados do século XVIII, a Inquisição foi a mais poderosa instituição da Espanha e de suas colônias nas Ilhas Canárias, na América Latina e nas Filipinas. A partir de 1536 no vizinho Portugal e nas colônias portuguesas na África, na Ásia e no Brasil, a Inquisição foi preeminente durante 250 anos. Isso quer dizer que foi uma força significativa em quatro continentes por mais de três séculos; estamos tratando de um período que se estende da unificação da Espanha sob Fernando e Isabel, no século XV, às guerras napoleônicas. Essa enorme abrangência de tempo e espaço é condizente com o tamanho da classe criminoso observada. Foram instaurados processos contra feiticeiras no México, bigamos no Brasil, franco-maçons sediciosos, hindus, judeus, muçulmanos e protestantes, padres fornicadores e marinheiros sodomitas.

Segundo narrativas históricas, “os inquisidores católicos romanos levavam a vítima ao ponto de morte muitas vezes e depois paravam a tortura, de forma que a vítima revivesse e depois pudesse ser torturada nova-

8 Tradução de Cristina Cavalcanti, 1ª edição, 2007, página 30, Editora Objetiva.

mente”, método esse que foi resgatado no século XX nas torturas realizadas pela Gestapo, a polícia secreta dos nazistas; na Guerra do Vietnã, com os prisioneiros, e nas ditaduras de alguns países da América do Sul e mais recentemente no Iraque e no Afeganistão.

Os métodos de tortura empregados pelos inquisidores foram se tornando mais sofisticados, de modo que surgiram instrumentos como a roda de despedaçamento, a dama-de-ferro, o berço-de-Judas, garras de gato, máscaras de metal e muitos outros que, felizmente, hoje são peças de museu.

Vale igualmente comentar que a Inquisição veio a constituir uma imensa fonte de renda para a Igreja Católica e para os reis dos países onde foi implementada, porque a prisão de hereges era, via de regra, seguida do confisco dos bens dos condenados. Essa prática perversa foi repetida ao longo dos anos em várias situações em que houve subjugação de um povo por outro, como aconteceu no domínio nazista na Segunda Guerra Mundial, com a apropriação de obras de arte na França e bens de judeus, principalmente ouro e joia, além de dinheiro em espécie.

“A inquisição medieval, que nunca fora muito ativa na península ibérica, achava-se mais ou menos adormecida na segunda metade do século XV. Aconteceu, porém, que durante a Semana Santa de 1478 foi descoberta em Sevilha uma conspiração de marranos, a qual muito exasperou o público. Então lembrou-se o rei Fernando de pedir, ao papa, reativasse na Espanha o Breve de 19 de novembro de 1478, pelo qual conferia plenos poderes a Fernando e Isabel para nomearem dois ou três inqui-

sidores, arcebispos, bispos ou outros dignitários eclesiásticos, recomendáveis por sua prudência e virtudes, sacerdotes seculares ou regulares, de 40 anos de idade ao menos, e de costumes irrepreensíveis, mestres ou bacharéis em teologia, doutores ou licenciados em direito canônico, os quais deveriam passar de maneira satisfatória por um exame especial”, escreveu o professor Felipe Aquino em seu trabalho *História da Igreja – A Inquisição Espanhola* (Editora Cleofas).

Estava assim formado o arcabouço para implantação da Inquisição na Espanha, com o beneplácito do papa Sixto IV, que decidiu deferir o pedido de Fernando. Assim, em 1º de outubro de 1478, o pontífice emitiu uma “bula papal” autorizando a criação da Inquisição na Espanha, pelo que sucederam os fatos narrados no parágrafo anterior.

Quase dois anos depois, em 1480, foram designados os primeiros inquisidores de Castela: Miguel de Murillo e Juan de San Martin. Com a nomeação dos inquisidores foi dado início ao nefando trabalho, pelo que as hostes do bem devem ter se lamentado profundamente. Em 1481 foram efetivados os primeiros autos de fé em Sevilha.

As comunidades judia e muçulmana ficaram submetidas à fúria dos inquisidores e a história relata o sofrimento que lhes foi infligido durante aquela sombria época. Mas não devemos olvidar, como já salientado neste relato, que a crueldade dos membros do Santo Ofício não se restringiu àquela população. Sabemos que coincidências não existem. Os fatos não se repetem. Cada um produz a sua consequência, mas nada impede que acontecimentos idênticos possam ocorrer envolvendo um mesmo povo.

Vamos regredir 265 anos antes do estabelecimento da Inquisição na Espanha. Corria o ano de 1215, quando no 4º Concílio de Latrão foi expedida ordem no sentido de que todos os judeus usassem um distintivo a fim de que não fossem confundidos com os cristãos. Pois bem, na Alemanha nazista, Adolf Hitler determinou que os judeus costurassem em suas roupas um símbolo com a forma da estrela de Davi, para que fossem identificados nas ruas com facilidade, sob pena de, não o fazendo, serem sumariamente fuzilados.

Qualquer pessoa do povo podia fazer denúncias à Inquisição. Até mesmo as cartas anônimas tinham presunção de veracidade. Competia exclusivamente aos inquisidores decidir se determinados fatos eram verdadeiros ou não, como, por exemplo, aqueles narrados por testemunhas. Enfim, na colheita de provas, tudo era relativo, eis que havia total subordinação ao arbítrio dos membros da Inquisição.

Uma vez terminada a instrução do processo instaurado contra alguém acusado de heresia, era proferida a sentença, que em seguida era objeto de leitura em cerimônia pública, o que recebia o nome Auto de Fé.

Os autos de fé eram proferidos no principal logradouro da cidade, em geral na sua praça principal. Via de regra, o rei comparecia a essas cerimônias. As penas contidas nas sentenças dependiam da gravidade do crime. As mais brandas consistiam na excomunhão; as mais pesadas ou severas poderiam consistir na prisão perpétua e na morte na fogueira.

Não se pode falar na Inquisição sem ao menos mencionar Tomás de Torquemada. Esse frei dominicano,

nascido em 1420, é considerado o mais duro e cruel inquisidor de todos os tempos. Foi o organizador do Santo Ofício da Espanha. Em 1483, mesmo ano em que os judeus foram expulsos da Andaluzia, Torquemada foi nomeado, pelo papa Sisto IV, com o título de 1º Inquisidor de todos os domínios sob Fernando e Isabel, ou seja, o Inquisidor Geral, responsável pelos 14 tribunais na Espanha e suas colônias. Foi confessor dos reis Fernando e Isabel. Durante a sua gestão, foram expulsos mais de 170 mil judeus da Espanha e mortas 2 mil pessoas na fogueira. Desencarnou em 1498. Sua fama de desumano e sanguinário perpetuou-se pelos tempos. A História consagrou-o como o mais cruel inquisidor.

Como consequência dos atos praticados contra milhares de almas, Tomás de Torquemada certamente também foi alcançado pela lei de causa e efeito. Isto é, “o que aqui plantamos, teremos que colher”, ou, ainda, como disse o mestre Jesus, a cada um será dado de acordo com suas obras. Ora, podemos exercer livremente a nossa vontade. Eis o livre-arbítrio, mas precisamos exercê-lo com responsabilidade, ou seja, o exercício da vontade do indivíduo não pode e nunca será ilimitado.

Ultrapassado o limite, impõe-se o resgate. Tomás de Torquemada não estava imune à lei. Ela não concede isenção ou imunidade. Assim, Torquemada teve de expiar suas faltas.

Estes são os brevíssimos comentários que julgamos oportuno tecer em relação à Inquisição, especialmente na Espanha.